

## BAILE FATAL



Por Cris Eliot, autora de Lua de Sangue.

*"Porque a vida da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas; porquanto é o sangue que fará expiação pela alma".*  
(Levítico 17:11)

Melissa Jackson (Vanessa Hudgens)

Abri a porta do carro antes que o segurança tivesse chance de demonstrar seu cavalheirismo forçado e, mal coloquei os pés do lado de fora, uma chuva de flashes em todas as direções ofuscaram minha vista. Abaixei o rosto e disparei escada acima, subindo os degraus com velocidade, e inquieta até alcançar a porta do salão de festas, em que, para meu alívio, só haveria um fotógrafo para cada cinco pessoas que iriam se formar e a condição contratual era que eu seria tratada como igual aos demais alunos. Sem nenhuma foto a mais ou a menos.

Não era fácil ser a filha do Governador do Texas. Não me importaria se meu pai fosse eleito para um lugar como Forks, o que incluiria o anonimato em todo o país, menos para os habitantes de lá. Mas o simples fato de pertencer a uma antiga família rica que estava envolvida com a política desde quando o primeiro inglês pisou em solo estrangeiro, após uma longa travessia pelo Atlântico, já me tirava qualquer possibilidade de uma existência pacata.

Eu estava me acostumando a ser o centro das atenções, mesmo sem nada para oferecer aos outros. Ao menos, minha terapeuta me dizia isso sessão após sessão. Não sabia se por ser realmente verdade ou se meu pai a subornara para que eu parasse de brigar com todos dentro de casa o tempo inteiro. Eu não queria ser a menina fútil do papai. Eu não queria aquela vida com poder, riqueza e fama que parecia ser tão contrária aos meus ideais de simplicidade. E o pior era que meus surtos involuntários me faziam ser o que não queria. Eu não pedi nada daquilo. Simplesmente era assim e eu devia aceitar.

— Mel, quer um pouco de ponche?

A voz agradável e rouca de Christopher sussurrou em meus ouvidos enquanto uma dezena de garçons estendiam suas bandejas com salgados, doces e bebidas em minha direção, gritando "Srta. Jackson" e disputando minha atenção.

— Não, Chris. Muito obrigada.

Rapidamente ele pegou um copo sobre uma bandeja, tomou um gole do ponche e me tirou furtivamente da entrada do salão, deslizando por mesas, seguranças, garçons, cadeiras... Tudo aconteceu muito rápido. Quando percebi, estava longe de tudo e de todos. E os seguranças ficaram tão perdidos quanto eu, menos Tyler e Cooper. Os dois guardacostas favoritos de meu pai. Eles se viraram na mesma hora para onde Chris me levava e contraíram os lábios como cães com raiva.

— Enfim... *a sós*, não é?

— Sim, sim... — prendi o ar.

Christopher era o aluno mais gato de toda a escola. Ele entrou no último ano e sempre se saía bem em todas as provas, inclusive de Literatura. Eu estava muito feliz em não ter que olhar para a cara horrível da Sra. Parker toda manhã com suas histórias de terror sem graça. A explicação mais razoável era sadismo.

Ele não tinha um corpo tão atlético como os rapazes que praticavam esportes, mas não ficava atrás deles. Era assim que Jess tentava afugentar meu interesse por esse *nerd esquisito* como o chamava pelas costas. Seus olhos eram verde-oliva e tinha o sorriso mais inocente e gentil que conhecia. Os cabelos espetados e negros como uma densa floresta escura.

Era o meu terceiro namorado em menos de um mês. Não que eu fosse o tipo de garota que saía com qualquer um. Na verdade, todos os outros dois caras que namorei de um dia para o outro disseram que não queriam mais nada comigo. E a versão oficial que deveria ser contada era que eu terminei com eles. Isso alimentaria as revistas de fofoca por uma estação e seria oportuno para o mais novo escândalo de corrupção que meu pai era acusado de estar envolvido.

— Está tudo bem, Melissa *Jackson*?

Odiava ser chamada com o nome todo, principalmente com o sobrenome paterno, e Chris sabia disso, só queria me provocar.

Dei de ombros.

— Ah, eu estava pensando... como o tempo passou rápido, não foi? Esses meses voaram... Aliviada em não ter que olhar para a Sra. Parker de novo.

Chris sorriu de orelha a orelha.

— Sua implicância com ela era só por tirar notas baixas e quase ficar de recuperação na prova final.

Ele emitiu um gemido baixo após o tapa que lhe dei no peito.

— Palhaço! Eu queria saber qual a relevância de ler Bram Stoker. Aquela mulher era maluca. Ah... olhe a maluca nos observando... — apontei.

Os olhos apertados da Sra. Parker em nossa direção como se estivesse nos condenando à prisão perpétua e sentisse muito prazer em dar essa sentença. Não podia esconder a censura e a repulsa que nutria por mim.

— Bom, está mais do que na cara que ela não aprova nosso namoro, Mel.

— Dane-se. — ralhei — Nunca mais verei essa bruxa de novo. Só agora reparei na decoração... está incrível, não está?

— Sim, está mesmo. Olhe ali.

Chris indicou a placa pendurada no palco como um outdoor com letras luminosas, em que a Trinity High School agradecia à generosa doação do Sr. Jackson para tornar a edição do baile a mais memorável de todos os tempos. Eu dei um longo suspiro.

— Papai não tem vergonha mesmo... Ainda mais em ano eleitoral. Não existe fiscalização aqui?

— Existe, Mel. Trabalham para seu pai.

Chris voltou a sorrir e sorri também.

Ele era o único que me tratava como uma pessoa comum e talvez por essa razão eu estivesse tão apaixonada. Uma música suave começou a tocar e ele me puxou junto a si e, sem que eu desse permissão, passou a me conduzir lentamente até a pista de dança e um holofote nos seguiu. Ele me virou e me cobriu com seus ombros, deixando uma turma de bajuladores frustrados.

— Você dança bem... — sussurrei, aninhada em seu peito.

— Obrigado. Eu tive umas aulas extras... já fazia alguns anos que não dançava.

— Quantos anos?

— Ah, *alguns*... — e me deu um giro que rodei no ar e depois me trouxe de volta com os braços, o rosto muito próximo ao meu. A minha cabeça ainda girava um pouco.

— Hora do beijo? — perguntei, corada.

— Sim, todos estão esperando por isso. Preparada?

— Para beijar *ocê*? Eu me esforço *sempre* para estar preparada.

— Era só o que queria ouvir.

Chris apertou seus lábios contra os meus e me encostou mais contra seu corpo. Ele parecia ter ganhado alguns músculos desde a última vez que nos encontramos. A manga do terno parecia pequena demais para bíceps e tríceps volumosos. Eu passei os braços por sua nuca e continuamos nos beijando até que eu ficasse sem ar e pedisse para que ele me soltasse, o que ele realizou muito contrariado.

As palmas soaram em todo o salão e os gritos de entusiasmo se seguiram. Eu corei em resposta. Minhas bochechas se encheram de sangue e Chris também ficou envergonhado, mas a seu modo, sem ruborizar. Não tirava os olhos de mim como se eu fosse a única garota naquela multidão anônima. A pergunta que me fazia era se todas as aquelas pessoas não tinham nada melhor para fazer. A reação delas dizia que não.

— Já sabe quem ganhará o prêmio de rei e de rainha do baile, não é?

— Ashley Smith e Thomas White, o filho do diretor?

Ele riu baixo.

— Errou feio. *Nós* ganharemos.

— Como sabe? Meu pai comprou os jurados?

— Não é por isso, bobinha... Veja a careta que a Sra. Parker acabou de fazer. *Nós* vencemos.

Ele tinha razão. A Sra. Parker mexeu seu corpo redondo, que o vestido de gala azul mal conseguia cobrir, em direção ao púlpito do palco visivelmente irritada e murmurou nossos nomes com cara de buldogue velho. Uma nova onda de palmas, assobios e gritos ecoou. O costume era que o vencedor fosse anunciado mais ao final da festa, mas aposto que meu pai interferira para ser logo no início e, com certeza, comprara os jurados.

A única que não se vendeu fora a Sra. Parker. Papai deve ter tentado suborná-la sem sucesso. Eu já podia adivinhar o que haviam recebido *a título de gratidão*, porque, enquanto subia os degraus, eles passaram a sorrir e a acenar com os novos presentes. O Sr. King devia ter ganhado uma caixa de charutos importados... A Sra. Miller um par de brincos de rubi que estava exibindo, quase arrancando as orelhas ao pressioná-las para frente. E o Sr. Green um terno novo em que ajustava a gravata borboleta a todo segundo.

— Menina de sorte. — murmurou entredentes a Sra. Parker.

— Muito obrigada, professora. — retruquei com o rosto em brasa, com vontade de estrangulá-la.

— A sua gentileza com Mel é *assustadora*, Sra. Parker. — ironizou Chris.

— Faça o possível, Sr. Hill. — ela se inclinou e saiu.

O microfone estava diante de nós e o silêncio se fez. O tão esperado discurso deveria ser feito... eu não tinha nada preparado. E Chris também não. Eu tentei falar primeiro, mas acabei gaguejando e ele me salvou do constrangimento a tempo.

— É... — pigarreou — hora do discurso?

Um sonoro "sim" foi dito em resposta.

— Interrompemos a transmissão para dar um aviso importante. Pedimos desculpas pelo transtorno. A Srta. Jackson será sequestrada em alguns segundos. Não se apavorem e todos ficarão bem. — uma voz fina de mulher falou com suavidade.

As pessoas começaram a se olhar sem entender o que estava havendo. Meu coração disparou e, de repente, estava pulsando desesperadamente. Senti meu rosto empalidecer e minhas pernas ficaram trêmulas. Tyler e Cooper, os dois guarda-costas do meu pai, saltaram para o palco com uma destreza fora do normal e ficaram em posição defensiva. Christopher me abraçou com o corpo duro como aço à espera de um ataque iminente.

O palco foi esvaziado num piscar de olhos e só nós quatro permanecemos no alto como alvo fácil desses sequestradores. O homem da cabine de som deu um grito abafado e foi possível ver um líquido vermelho jorrar do vidro. Era sangue. As pessoas gritaram e passaram a sair pelas portas num completo alvoroço. A energia do local foi cortada em seguida. As luzes se apagaram e a música parou de tocar.

— Sabia que não podíamos confiar nesses *freezers* nojentos. — Tyler exclamou, remexendo o pescoço e estalando os dedos. O som de pano rasgado como se os músculos do terno fossem ficando cada vez maiores. — Principalmente nesse sanguessuga almofadinha. — apontou para Chris e cuspiu no chão.

— O acordo ainda está mantido, Tyler. — comentou Cooper, com voz calma.

— Não, *não está*. — Christopher falou pela primeira vez após a confusão. — Eles já mataram muitos hoje...

— Ora, ora... — uma voz esganiçada e sombria sibilou nas trevas — o que temos aqui... Dois pulguentos abjetos — uma cusparada alta no chão e rosnados em represália — e um *frio*, traidor da sua espécie para ficar com uma humana idiota. Seu criador não lhe deu boas maneiras? Não lhe ensinou que não se deve brincar com comida?

O nó preso na garganta duplicou de tamanho.

— Theo, não faça nenhuma besteira com ela, por favor. Sr. Jackson não nos perdoará. — suplicou Chris.

— Não me chame mais de Theo, Christopher. Theodore. Não preciso da clemência dos Jackson. Eu passo umas décadas hibernando e vocês fazem acordo com essa escória. E, pior, aceitam beber sangue doado *voluntariamente* para reservas de hospitais! Sangue frio e escasso! — o horror estampado na voz — Vocês aceitaram uma condição mais repugnante que a desses pulguentos miseráveis. O que estão esperando, cachorrinhos? Mais *vítimas*?

— Só mais um morto e mataremos você, seja quem for. — esbravejou Cooper.

— Luzes, por favor, Winter.

Assim que a iluminação voltou, a sra. Parker estava amordaçada e ajoelhada aos pés do homem que devia ser Theodore. Era mais velho, mas sua feição ainda guardava uma jovialidade incomum. Não tinha rugas e os poucos cabelos

brancos eram fiapos esparsos em mexas longas cor de bronze. Os olhos eram pretos. Os lábios finos. As roupas antigas como a de um barão medieval com uma longa capa presa ao pescoço. E a pele pálida e reluzente como giz.

Antes que tivéssemos tempo de pensar, Theodore arrancou o coração da Sra. Parker com as mãos e ele ainda pulsou alguns segundos com batidas fracas que cessaram logo. O sangue espirrou por todo lado. O corpo dela caiu inanimado, formando uma poça avermelhada no linóleo.

Eu estava em choque. Cada linha do meu rosto expressava horror. Toda a minha vida passou diante de mim num instante. E, para aumentar meu espanto misturado com nojo, o homem misterioso mordeu o coração, sugando o sangue e lambeu satisfeito o resto ao redor da boca.

Num lampejo, uma espécie de transformação ocorreu em seu corpo. Os fios brancos espalhados se igualaram à cor de bronze das mexas. E a tonalidade pálida e reluzente como giz ficou menos intensa, não ao ponto de corar. Os olhos menos escuros. E poderia dizer que até os lábios estavam mais vivos, num brando tom carmesim. Foi como se tivesse recebido um sopro de vida.

Em seguida, Tyler e Cooper se contorceram e rosnaram alto, suas roupas rasgaram com a pressão que seus corpos fizeram. E onde era para estar mãos e pés somente havia patas agora. Pelos grossos e castanhos cresceram de repente. A boca e o nariz viraram a extensão de um focinho. E seus dentes mudaram para presas afiadas. Só os olhos pareciam os mesmos, mas grandes e intimidadores.

Christopher me segurou mais, ficando à minha frente como um escudo humano. Eu podia notar seu medo em suas mãos que tremiam. Os dois guarda-costas uivaram e bateram as patas contra o chão e, segundos depois, mais três lobos grandes e fortes apareceram na porta de entrada.

— Eu não vim sem suporte, pulgientos.

Theodore bateu as mãos ainda sujas de sangue e dez iguais a ele entre homens e mulheres saíram de locais escondidos. Dois mais alucinados correram até a poça de sangue e começaram a beber.

— Comportem-se, Vince e Vicky. — e o casal loiro se afastou com os lábios sujos — Vão pensar que somos como esses animais. Somos *superiores*. A sobremesa fica para outra hora.

A tensão não durou muito. Os lobos atacaram primeiro e saltaram sobre as gargantas dos bebedores de sangue. Eu parecia estar num conto de terror, mas o medo me jogava na realidade. Estava prestes a ser morta por vampiros de verdade, meus dois guarda-costas eram lobisomens e meu namorado tinha algo a ver com essas criaturas. Talvez fosse uma delas, mas do bem. E a Sra. Parker teve o coração arrancado diante dos meus olhos.

Eu me agachei, o rosto coberto com o dorso do braço, e gritei alto, mas ainda podia sentir que Christopher estava perto de mim. Os monstros brigavam entre si e não podia acompanhar os movimentos que eram muito rápidos. Quando dei por mim, Tyler e Cooper estavam mortos na minha frente, com seus corpos em mutação, voltando ao normal, enquanto três vampiros bebiam seu sangue com avidez. Chris já estava ajoelhado com as mãos de Theodore em seu pescoço, imobilizando-o firmemente. E eu... eu estava com o pulso levantado por uma vampira ruiva.

— Assista, Christopher. A causa da sua vergonha se tornará uma de nós. Incrível, não é? Teremos sangue de sobra quando transformarmos a filha do Sr. Jackson numa fria. Aposto que ele mudará sua *política de segurança*. — deu uma risada macabra. — Winter, prossiga.

— Não! — gritou Christopher.

Os dentes cravaram no meu pulso e eu senti um líquido frio encher minhas veias, mas isso durou o tempo que ela me mordeu. Quando soltou meu braço, caí no chão de vez e ouvi uma voz distante reclamar.

— Argh... que nojo! Theo, ela é uma pulguenta também.

Minhas pálpebras foram se fechando devagar e, ao olhar pela última vez para o rosto mortificado de tristeza de Chris, eu vi uma matilha de lobos de diferentes cores entrando no saguão. Era o fim. Só não podia dar certeza para qual lado. Ainda respirava com dificuldade. Minha cabeça rodopiava. Senti meu corpo estremecer. Eu parecia ter recebido um choque de mil volts de uma hora para outra.

E ao me dar conta já não era mais a mesma de alguns segundos atrás. A visão era mais baixa e estreita. A respiração mais aguçada. O olhar mais fundo e penetrante. Passado o torpor, balbuciei as primeiras palavras. Saíram como grunhidos, sons guturais, incompreensíveis. A minha temperatura subiu, mais e mais. Era como o calor do sol, consumindo a última gota de humanidade, e era este que agora me inundava.

## GUERRA INTERMINÁVEL



Por Cris Eliot, autora de Lua de Sangue.

*"Porque a vida da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas; porquanto é o sangue que fará expiação pela alma".*  
(Levítico 17:11)

Christopher Hill (Brant Daugherty)

Eu precisava salvar Mel... ela não merecia esse castigo. *Winter*. Meus dentes trincaram. Tentava encontrar um meio de me desvencilhar das mãos de Theo sem que ele arrancasse minha cabeça enquanto pensava em dezenas de formas distintas de matar Winter. Apostaria o que quer que fosse, se não fora ela quem despertara Theo. Os ciúmes que sentia de meu relacionamento com Mel a estavam matando... ela apenas disfarçava alegando que não aguentava mais se alimentar de modo *alternativo*, mas isso não fizera diferença alguma em mais de cinquenta anos, por que faria agora? Ela ainda estava ressentida com o término do namoro depois de uma década e se vingava de mim, porque sabia muito bem que eu jamais quis que Mel virasse vampira, embora ela devesse se sentir culpada por dar a imortalidade a quem mais odiava. Ela se contentaria só com o fato de me atingir, se a conhecia como supunha.

Demorei dois anos para entrar na escola. Eu não suportava a ideia de voltar àquele ambiente idiota, mas era o único jeito de estar perto de Mel, exceto por meio de vídeos, fotos e a distância sem ser notado, senão por seus cães de guarda. Talvez para ela eu fosse só mais um cara que a namorava por ser filha do Governador, mas ela não desconfiaria de minha coleção de notícias a seu respeito e jamais saberia do grau de minha devoção antes de conhecê-la. Esse era meu maior segredo. Maior até que ser vampiro. Eu a amava. Só havia uma explicação razoável de que no lugar onde estava um coração que parara de bater fazia séculos parecia vivo de novo. O nó preso na garganta quando estava com ela... sentira algo parecido no tempo que era humano. E o cheiro do seu sangue lembrava um pó tóxico que queimava minhas narinas e fazia minha garganta ficar arranhada e ressecada, embora a sede fosse o menor dos meus problemas.

Graças a esse período de observação quase diária que o Sr. Jackson finalmente se convenceu de eu sentia algo por sua filha além de obsessão e pediu ao Sr. White, diretor da escola, que também era lobisomem que me desse os documentos necessários para ingressar no último ano do Trinity High School. Mas eu havia falhado... falhado em proteger Mel, em lhe garantir uma vida normal e feliz como ela merecera e agora ela seria uma de nós. Como iria para a Faculdade de Medicina em que fora aprovada? Levaria um ano ou mais até que se acostumasse com o cheiro de sangue. Como teria filhos, se, após a transformação, o veneno a esterilizaria? Como explicaria à sua mãe toda essa história maluca? A culpa que sentia era lancinante, pior do que qualquer sofrimento físico ou tortura que pudera conceber.

— Não! — gritei, mas já era tarde demais.

As presas de Winter estavam cravadas no pulso de Mel. O veneno não demoraria a fazer efeito. Primeiro, ela sentiria uma queda de temperatura tão forte que seu corpo iria a zero grau em menos de cinco segundos... o choque iria matá-la. Seu coração pararia de bater. Aquele ritmo descompassado que eu poderia identificar a quilômetros de distância, mesmo com o barulho no pórtico do Trinity, jamais bateria de novo. Em seguida, cada célula sofreria uma metamorfose e exteriormente só seria possível ver um cadáver gélido, imóvel e pálido por algumas horas. Então, seus olhos se abririam e a única coisa que encheria seus pensamentos seria a sede implacável por sangue humano.

— Argh... que nojo! — Winter cuspiu. — Theo, ela é uma pulguenta também.

*Pulguenta?* Melissa era uma pulguenta? Meu Deus... não podia imaginar como era um alívio escutar essa palavra, embora sempre soasse ofensiva ao ouvido de qualquer lobisomem. Entretanto, não fazia o menor sentido... Bom, ao menos, nos meus cálculos Mel não poderia ser uma lobisomem. A linhagem se alterna, pulando uma geração... o pai dela atualmente comandava a alcatéia, como o bisavô fizera no passado... mas ela? A menos que algum ancestral da mãe tivesse uma conexão... seria coincidência demais... e que coincidência maravilhosa. Eu ri. Não havia motivos para rir numa situação como aquela, porém, ignorando o nojo de Winter e a frustração de Theo, eu ri de novo.

Eles me olharam com desdém e mais raiva, porque não só fiz um *acordo vergonhoso* com nossos inimigos naturais enquanto Theo hibernava, como também brinquei com a *comida* e não era uma comida qualquer. Ele teria razão até esse ponto. Mel não era uma humana qualquer. Algumas vezes eu tive vontade de beber seu sangue... mas não era só esse tipo de fome que me assediava. Havia outras fomes piores e mais dolorosas de se suportar. Eu já estava expulso do clã mesmo... não fazia diferença uma risada a mais ou a menos. Afinal, a melhor notícia da noite fora dada inusitadamente. Provável que o Sr. Jackson nunca tivesse desconfiado de nada, caso contrário teria contado a verdade para ela... a verdade sobre nós.

— Uau!

O elogio escapou de minha boca, apesar de ser deslocado em razão das circunstâncias. Nunca em toda a minha existência tinha encontrado uma *pulguenta* com uma pelagem tão bonita. A tonalidade era castanho-avermelhada como a pele dela... e o focinho parecia ter sido desenhado por um artista, talvez para fazer justiça ao nariz arredondado que tantas vezes coloquei em contato com meu queixo quando a abraçava. E esses olhos... iguaizinhos aos olhos dela, só que maiores, determinados e até potencialmente *perigosos*. Será que Mel demoraria a me reconhecer?

Eu pisquei enquanto Mel deu um silvo alto como se chamasse alguém, como se estivesse à procura de respostas. De qualquer modo, era um rosnado muito educado, se fosse compará-lo com os grunhidos dos membros da sua espécie. De novo ela emitiu o mesmo som e roçou o nariz com uma pata. Foi um *choramingo*? Seria desespero por não entender o que estava acontecendo? Medo porque eu continuava um alvo das mãos de Theo? Angústia para reaver o corpo humano de volta? Não saberia explicar... só senti um desejo incontrolável de ficar ao seu lado e de dizer que a amava muito.

Tentei me mover. Theo me reteve e berrou.

— Eu quero que você grave isto na sua cabeça oca: NÃO-EXISTE-CONCILIAÇÃO-ENTRE-VAMPIROS-E-LOBISOMENS.

Em seguida, rasgou minha testa, de um lado a outro, com suas unhas.

— Juro que não sabia, Theo... não sabia que ela...

— Tem vinte e quatro horas para limpar a bagunça que fez durante minha hibernação... Winter agiu bem em me acordar uma década antes. Ela me disse que estava desonrando o nome do Clã Ártico... e vejo que ela estava correta... E agora isso? — apontou para Mel na forma de loba — *É intolerável!*

— Por favor, Theo... me escute... Winter não deve ter contado toda a hist...

— Acabou, Christopher... Acabou, você me entendeu direito? Ora, ora, os cachorrinhos enviaram reforços... — sibilou baixo. — reforços *desnecessários*.

Theo tinha razão. Mais de duas dúzias de lobos ocuparam o salão de festas. Os outros membros do clã estavam em alerta; Vicky e Vince, os gêmeos mais irritantes do mundo, forçaram um bocejo em conjunto enquanto limpavam os lábios com o sangue bebido de Tyler e Cooper em tom provocador.

— Prometi que não iria fazer nada *agora* contra eles e não farei. Esses dois idiotas morreram por ter nos atacado. — rosnados ecoaram no espaço em resposta — *Legítima defesa*... — zombou — está dentro do acordo?

Difícilmente também os lobisomens iniciariam um contra-ataque por dois motivos. Tyler e Cooper já estavam mortos, seus corpos sem sangue e cheio de mordidas permaneciam estirados no chão. Uma vingança sensata teria de esperar. E a tarefa principal consistia em proteger Mel. Qualquer parente do líder da alcatéia tinha prioridade máxima. Essa era a lei. Mel estava segura e só isso importava. Theo queria dar um recado ao Sr. Jackson... e cumprira seu propósito. Do pior jeito como lhe era peculiar.

— Lembre-se, Christopher, vinte-e-quatro-horas...

O corte em minha testa estava completamente cicatrizado. No toque, senti que ele havia riscado um número dois seguido de um número quatro. Os vampiros foram, um a um, deixando o salão na defensiva e correndo para as janelas do segundo andar. Winter foi a última e, antes de desaparecer, acenou com um beijo debochado. O olhar tenso de Mel estava mais relaxado. Eu era o único vampiro no salão e estava cercado de lobos. Não estava com medo, embora um pequeno tremor na mão entregasse meu nervosismo. Não era uma situação confortável... em nenhum sentido possível.



De repente, um lobo cinzento veio em minha direção e, numa fração de segundos, Mel se colocou à minha frente e começou a rosnar para ele. Seus pelos castanho-avermelhados se eriçaram e ela mostrou as presas sem reserva. Era um diálogo incompreensível. O lobo cinzento não recuou e, quando insistiu em dar mais uma passada na linha invisível entre os dois, um lobo alto, mais forte, de pelagem negra saltou sobre ele e o repeliu.

Era o Sr. Jackson. Eu estava habituado a vê-lo sempre vestido de ternos pretos em todas as ocasiões que o encontrava... era estranho assistir à sua performance animal depois de três anos. A lembrança mais recente de quando vampiros do Clã Índico resolveram visitar nossa região e, sem saber do acordo por serem eram recém-criados, atacaram turistas nas montanhas. A refeição deles não teve tempo sequer de ser digerida.

Ele latiu algo para filha que não retrucou e se postou ao meu lado, inflexível. Talvez dissesse que não iria me deixar e que estavam liberados para ir embora. Ficaria aliviado, se isso fosse verdade. Não me sentia à vontade de estar rodeado por lobos, mesmo que houvesse um tratado de paz que, para meu azar, acabara de ser descumprido. A proibição principal incluía não se alimentar de sangue humano sem ser dado voluntariamente. Nenhum doador do hospital poderia suspeitar do desvio no uso do seu ato de bondade, mas era um detalhe que poupava muitas vidas. Milhares e milhares de vidas em cinquenta e quatro anos de convivência tranquila.

Eles discutiram mais um pouco e, a toda evidência, ela venceu. Os lobos se retiraram devagar do salão e Sr. Jackson balançou a cabeça como uma saudação para mim e saiu com o restante.

— Muito bem, Lassie... — fiz um cafuné e ela fungou em desaprovção. — Brincadeira, Mel.

A cena não podia ser mais deprimente. Cadeiras, taças, talheres, vasos... tudo revirado e quebrado. O corpo da Sra. Parker estava no corredor com o coração arrancado próximo aos seus olhos vidrados enquanto Tyler e Cooper jaziam imóveis perto do microfone em que horas atrás eu estava tentando fazer um discurso para o prêmio de rei e rainha do baile. As nossas coroas estavam caídas em algum lugar no meio da bagunça. Eu peguei uma toalha da mesa e me sentei num degrau da escada perto do palco. Mel me acompanhou e pousou as patas na minha coxa. Joguei a toalha por cima dela que me lançou um olhar de dúvida.

— Você vai me agradecer quando se acalmar mais e voltar ao seu corpo de humana... está sem roupa... ali os restos do seu vestido. — aponte para um amontoado de pano rasgado no canto do palco e ela sacudiu a cabeça.

“Então, Mel, pode onde começamos? Pelo óbvio... eu sou um *vampiro* e você é uma *lobisomem*. As nossas espécies travam uma disputa durante milênios. Lobisomens são nossos inimigos naturais... é a forma encontrada pelo ecossistema de equilibrar as coisas. Eu juro que não sabia que tinha os genes ativos... o veneno de Winter acelerou o processo”.

Ela bufou.

“Não podia suspeitar que sua mãe tivesse a mutação latente... Ela sempre me pareceu normal em excesso... Talvez algum ancestral muito antigo... se soubesse, teria pensado duas vezes antes de me aproximar de você...”

Ela choramingou, esfregando a cabeça na outra perna. Eu a acariciei.

“Não vou deixar você... Seu pai também não sabia de nada, caso contrário jamais teria permitido que me aproximasse. Ele tem consciência dos riscos desse contato. É como encostar o gelo no fogo. Os dois saem perdendo”.

Ela me cutucou com o focinho numa espécie de correção.

“Tudo bem... Os dois não saem perdendo... Ambos mudam. Colei todas as provas de Física de você. Não tinha saco para aquelas fórmulas todas... passei da idade... — ri para mim mesmo — Ter visão aguçada tem suas vantagens. Por mais que o Sr. King vigiasse, jamais enxergaria mesmo... mas isso não importa agora, não é? Nós nos *formamos*... Confesso que não queria que seu baile de formatura terminasse dessa maneira trágica. Teria feito tudo para impedir isso, no entanto, não poderia prever que Winter fosse capaz de tanta maldade. Ela não era assim... era até legal... nós já...”.

Mel me interrompeu num rosnado baixo. Deduzi que não concordava com minha opinião sobre Winter ser legal, tampouco queria ouvir o restante.

“Que ironia... a Sra. Parker, uma mulher amarga e sem coração, ter o coração arrancado. Agora ela não vai poder esfregar Bram Stoker na cara de ninguém mais. Theo não tinha o direito de matá-la... eu, com motivos, não a matei. Coitados de Tyler e Cooper, eram gente boa... embora fossem o que deveriam ser, não é? Cães de guarda. E quando um *frio* se aproxima, um bom cão de guarda, no mínimo, fica retraído e rosna”.

“Seu pai é um homem bom, Mel. Ele fez campanhas motivacionais de doação de sangue até na televisão, mostrando quão *divertido* era ter seu sangue sugado por um aparelho e quanto bem fazia ao próximo... Ele se esforçou ao máximo para manter o acordo de pé... um verdadeiro político que cumpre suas promessas. A culpa foi nossa... os estoques começaram a ficar escassos e meus irmãos se irritaram. Foi a oportunidade que Winter precisava para acordar Theo”.

“A sua alcatéia está nos caçando há séculos e mudou sua tática faz algumas décadas... agora está sendo forçada a assumir velhos hábitos, porque Theo é orgulhoso demais para aceitar que não estamos mais no século XIX. Theodore Winklevoss, o temível ancião do Clã Ártico. Ele vai ser mais temível quando estiver alimentado de verdade. Ainda está fraco... recuperando-se de uma longa hibernação. Mel? Tudo bem?”

Eu fiquei falando tanto que não notei que ela voltara à sua forma humana e estava aninhada junto a mim com o pano da toalha sobre seu corpo. O olhar perdido e distante de nossa conversa.

— Sim, estou me sentindo bem... — sussurrou.

— Você quer alguma coisa? Que droga! — bati na minha testa — A polícia deve estar a caminho... temos que ir embora. Preciso incendiar o salão antes...

— Não vai precisar... O xerife estava conosco. Era o lobo cinzento que queria matá-lo. Essa era a réplica que o xerife queria dar ao seu *bando de sanguessugas* e a maioria concordou, mas papai o impediu, disse que ele quem dava as ordens e que a alcatéia não era uma democracia.

— Sr. Jackson sempre foi sensato...

— Ah... Tem um lobo à espreita. Quando terminarmos nosso encontro, eles se encarregarão de encobrir os rastros do ataque. Os jornais irão noticiar uma tentativa de sequestro fracassada com a morte dos meus seguranças seguida de um incêndio. A Sra. Parker foi vítima de bala perdida.

— O Sr. White, o diretor, é um lobisomem também.

— Sim, eu sei... ele era o lobo branco com listras cinzas ao meu lado. Depois eu lhe conto... a equipe inteira do meu pai é composta de lobisomens. Eles estavam furiosos, porque precisaram deixar seus compromissos de repente quando meu pai os chamou...

— Eles viriam. Não têm escolha.

— Chris, estou chocada com o chefe de gabinete, Sr. Taylor. Estava com a amante dele, a secretária do meu pai... Eu posso ver tudo o que estão pensando e falando... É uma conexão horrível. Eles ficaram mais irritados quando minhas lembranças com você afluíram. Ficaram com muito nojo.

Dei uma sonora gargalhada.

— Eu imagino que sim. Poucos homens hoje respeitam o matrimônio... só aqueles à moda antiga.

— Como *voce*? — ela riu e me deu um tapa no peito. — Metido! Há quanto tempo está com dezoito anos?

— Desde 1864. — ela franziu o cenho, supus que calculava a minha idade real. — 170 anos. Eu gosto de Matemática. — Mel fez uma careta e prosseguiu. — Afinal, preciso honrar minha fama de *nerd esquisito* que sua amiguinha Jess fez questão de propagar em toda a escola. Isso deixou você receosa de se aproximar de mim... O que a fez mudar de ideia?

— Eu seria considerada fútil se dissesse que sua beleza facilitou as coisas?

— Pelo menos, eu não a consideraria fútil. As pessoas gostam do que é belo... é a primeira opção.

— Você vai rir, Chris... mas o que me chamou a atenção de verdade em você não foram seus olhos verdes... — eu ri — foi seu ativismo político em favor do meu pai. Estranho, não é? Eu queria conhecer quem era o novato que era um ferrenho defensor da reeleição do “Bom Jack”. — assenti seriamente e ela emendou — Como virou vampiro?

— Theodore Winklevoss. Eu era um soldado de uma família pobre do Sul e ansioso pelo fim da guerra. Meu *criador* era um abolicionista convicto em prol da causa de Lincoln... A sua filosofia *altruísta* consistia em que só seres

superiores poderiam escravizar os inferiores... e se os vampiros por pura *clemência* não haviam feito isso até agora, os homens não tinham o direito de fazer com seus semelhantes.

— Realmente... ele foi muito altruísta e misericordioso com a Sra. Parker. — retrucou ela. — Continue.

— Era assim que Theo abatia nosso exército... criava uma fera sanguinária e a soltava no meio do acampamento à noite... no início da manhã só restava um sobrevivente. Foi uma carnificina. Ele me escolheu, pois viu algo diferente nos meus olhos. Não sentia medo dele.

— E ele decidiu hibernar por qual motivo?

— Ele estava cansado da humanidade e me deixou no comando. Quando nos mudamos para o Texas, conheci a alcatéia do seu bisavô. O velho Jackson era um homem sincero, amigável e, principalmente, muito pacífico. Ele me convenceu a adotar um estilo de vida diferente. *Alternativo*, se quiser usar essa palavra. Disse que era possível, desde que eu tivesse boa vontade. A nossa boa vontade durou cinquenta e quatro anos.

— É um progresso e tanto para um *bando de sanguessugas*, não é?

Fiz uma careta.

— Oh, sim. É um progresso e tanto graças aos *pulgentos*. Mel... — falei após um pigarro — não está preocupada em perder sua *vida normal*?

— Não, Chris...

— *Não?! Como assim?* — franzi o cenho.

— Ora, só incluir no meu conceito de normalidade vampiros e lobisomens como seres pertencentes ao mundo real... Imagine se o número de *monstros* fosse igual ao do Supernatural? Seria realmente *sobrenatural* que a humanidade não tivesse trazido ao conhecimento público pelo menos um deles. Acho que vou gostar de ser lobisomem. Pelo menos não terei dificuldade em fugir dos fotógrafos.

— E a faculdade?

— Ah, eu nunca quis fazer Medicina mesmo. Só tentei para agradar ao meu pai. Posso fazer mais perguntas?

— Claro, sou todo ouvido.

— O que acontece quando você é exposto ao sol? Sua pele brilha como o cristal?

— Pele de diamante? Stephenie Meyer? — eu ri — Também não temos anel mágico como L. J. Smith sugeriu. A verdade é que existem muitas teorias a nosso respeito... Não gosto de brigas entre autoras... a nossa espécie tem uma dinâmica mais simples. Um princípio básico. Quanto mais nos alimentamos de sangue humano, mais humanos ficamos. É evidente, não é? Logo, o sol não é um obstáculo... Você nunca notou que quando eu bebia dois pacotes de O negativo, eu ficava mais bronzeado?

— Ah... aquelas manchas nas costas? Você me disse que eram pintas de nascença... Então não existem vampiros vegetarianos...

— Mito. Sangue animal dá uma dor de barriga terrível. Bom, ou é algo muito similar a isso. E acabamos vomitando. Não deixa de ser uma vantagem de marketing.

— Explique-se, por favor.

— Ora, caçar animais selvagens é politicamente incorreto... ao menos temos o Greenpeace a nosso favor. Já pensou nas faixas, nos cartazes, nos gritos de protesto? Alguns ambientalistas defendem que o homem é o câncer que destrói a Terra. Se soubessem que somos seus predadores naturais, iriam nos apoiar, certo?

— Era por isso que você ria em toda aula de Biologia do Sr. Green. No dia que ele explicou sobre a cadeia alimentar... e a condição especial da espécie humana, você saiu de sala irritado.

— Ah, sim... eu já estava inquieto. Doido para mostrar ao velho minhas presas no intervalo...

Ela deu uma risada. O som encheu o salão com um tipo de música sutil.

— Aposto mil anos com você que o lobo que está nos vigiando já vomitou...

— *Mil anos?* Não tenho noção do que seja isso...

— Não se preocupe. Só existe uma coisa que faz um lobisomem parar de envelhecer e é estar ao lado de um vampiro. O círculo vicioso da natureza em manter a rivalidade acesa.

— Quão perto ele precisa estar?

— A certa distância. Todos os dias como uma radiação. Olha a Física do Sr. King nos perseguindo mesmo após a formatura.

— Quão perto? Assim...

Ela beijou meus lábios que se aqueceram do frio regular e eu correspondi, segurando sua nuca e a beijando mais forte. Após um minuto, eu falei.

— Suponho que esse seja o modo mais garantido de imortalidade. E depois dizem que vampiro é sempre um mal... isso é mais uma mentira... os lobisomens deveriam nos agradecer.

— Chris, não era para ser uma história de terror? Por que não estou apavorada?

— É uma história de terror, Mel. Eu tenho *vinte-quatro horas* — remedei o tom de Theo — para limpar a bagunça, ou seja, *matá-la*. Claro que não vou fazer isso... e serei um proscrito, um exilado do meu clã. Serei perseguido por cinco clãs em todo o globo terrestre. Viverei fugindo, a menos que eu consiga matar Theo e assumir o controle de novo. Não é apavorante?

Ela se aninhou mais a mim e segurou em meu pescoço.

— É, vendo por esse ângulo, sim... é apavorante. O quê vamos fazer?

— *O quê vamos fazer?* Sobreviver. A guerra é interminável... sempre ela encontra um jeito de voltar. Mas ninguém disse que não podemos nos divertir enquanto isso.

Eu a beijei de novo e, dessa vez, iria testar o quanto de respiração extra ela ganhara com o fato de ser uma lobisomem. Eu adorava que as coisas estivessem no lugar, ao menos, quase no lugar. O coração dela batia mais forte e descompassado do que antes e só isso importava. A temperatura dela estava mais quente que o normal, mais que o tolerável para um humano comum, o que a deixava mais viva do que nunca. Era como o calor do sol e era este que agora me inundava.



#### NOTA DA AUTORA

Queridos amigos, *Baile Fatal* (parte 1) nasceu numa noite a pedido da Editora Selo Jovem. Ele fluiu como um rio por entre as teclas do meu notebook (risos) e confesso que amei escrevê-lo. É uma homenagem aos fãs de fantasia que, assim como eu, são apaixonados por ler aventuras de vampiros e lobisomens. Também é especialmente dedicado aos fãs de *Twilight* (Stephenie Meyer) e *Vampire Diaries* (L. J. Smith).

Quando escrevi o meu romance, *Lua de Sangue*, quis fazer algo diferente no mundo fantástico. Não encontrará esses seres adoráveis lá, mas encontrará outros que prometo serão encantadores também. Bom,

meu marido quase enfartou ao me ver com a janela do Word aberta depois de dez longo meses "de delírio". Caí em tentação e escrevi a história de Melissa e Christopher que acabou de conhecer.

A continuidade na visão de Chris, mostrando o que aconteceu depois, ficou finalmente pronta (*Guerra Interminável - Parte 2*). É com dor que digo isso: não tenho planos de dar sequência tão cedo, a menos que queira o divórcio (risos). Precisaria acontecer algo grande para que Philip me deixasse "delirar". E talvez nunca aconteça, não é? Mas, de qualquer forma, eu agradeço o carinho de todos.

Muito obrigada por me dar uns minutos da preciosa vida de vocês com meus escritos. É meu presente de Halloween para todos que me acompanham no Facebook. Espero que gostem. Com amor, Cris Eliot.